

## “DA DIÁSPORA”: A FORMAÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS E O DESLOCAMENTO DA QUESTÃO CULTURAL

Everton Demetrio<sup>1</sup>

**Resumo:** Procura-se problematizar a EMERGÊNCIA dos Estudos Culturais enquanto rejeição ao elitismo da alta cultura e da grande tradição, como também, ao marxismo reducionista. Destarte, reconhecer uma quebra com a tradição dos modos de estudar os fenômenos sociais, ao enfatizarem a importância da ação de grupos e classes na mudança social. Nesse sentido, essa linha de pensamento permitiu observar “a cultura em sentido amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais”, relocalizando as questões culturais sob duas ordens: no seu envolvimento com o poder e na condição de local de disputas sociais.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais, Cultura, Raymond Williams.

### Dos “english studies” aos estudos culturais

Sabemos que a trajetória histórica dos Estudos Culturais tem início desde meados do Século XIX. Um contexto histórico que mostrava a Inglaterra em pleno desenvolvimento Industrial. Em meio a isso, desenvolve uma nova classe social inglesa, a *medlle class*. “A identidade nacional é confrontada com o triunfo de uma middle class que desqualificou a arte como ornamento não-rentável com a perda de influência da aristocracia hereditária e com a irrupção das classes populares” (NEVEU; MATTELART, 2004, p. 19).

A emergência da classe média como vimos passa a causar uma grande quebra de valores sobre o sentido de arte. Para contrapor a isso os intelectuais foram fundamentais para desenvolver uma tradição do pensamento Britânico denominada de *Culture and Society*.

Os intelectuais passam a valorizar a cultura como elemento de estudo, tendo como ícone maior dessa cultura a literatura, tanto que os pensadores consideravam extremamente validos a “frequênciação das obras de arte”, tal feito poderia transformar as sociedades.

Se retornamos ao contexto sabemos que uma pequena parte da população era alfabetizada visto isso, poucas pessoas teriam acesso a esse “patrimônio cultural”. Dessa maneira o intelectual é colocado com essa função de socializar a cultura. Para Armand Mattelart; Érik Neveu, autores do livro Introdução aos Estudos Culturais (2004):

Interprete designado para revelar e representar a moderna idéia divina do mundo, o homem de letras é investido de uma missão de pregador. Por sua palavra e por seus atos, ele assume a função de despertador que cabia nas eras precedentes ao profeta, ao sacerdote, e a divindade. (p. 23).

Assim há uma supervalorização da figura do intelectual. Esse contexto passa a ser o momento de difusão dos *English Studies* na academia. Esse processo só foi possível a partir do pós-1ª Guerra Mundial, Pois como sabemos a sociedade inglesa sai destruída desse conflito, isso faz com que os intelectuais exijam um renascimento da cultura inglesa. Ou seja, Frank Raymond Leavis (1895-1978) torna-se o responsável por

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professor da rede particular de ensino da cidade de Lagoa Seca (PB); e-mail: evertondemetriopb@yahoo.com.br.

propor um renascimento da cultura inglesa em oposição a um enfraquecimento provocado pela mídia.

Os Estudos Culturais ou “Studies Culture” uma linha de pensamento desenvolvida na Inglaterra por volta dos anos 60. Teve como teóricos fundadores Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson. A escola de Birmingham passa a ser a Instituição básica para a eclosão dos Estudos Culturais. Nessa instituição é interessante perceber como o CCCS (o Centre for Contemporary Cultural Studies) torna-se um centro constituído por debates.

Para Armand Mattelart e Érik Neveu (2004), essa linha de pensamento permitiu observar “a cultura em sentido amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais. (p. 14)” Concordado com a linha desses dois teóricos sobre os Estudos Culturais, Edson Fernando Dalmonte afirma que:

Os estudos culturais britânicos têm desde o início - década de 60 - por referencial ideológico o marxismo. Para os fundadores do Centre for Contemporary Cultural Studies, em Birmingham, era necessário buscar o entendimento das relações entre pessoas e classes, levando em consideração os diversos grupos, que no entender dos founding fathers, todos, inclusive a classe operária, desprovida de "tudo", eram geradores de cultura (p. 01).

Observamos o interesse dos Estudos culturais pelo social passa a ser porque essa linha de pensamento traz à tona a influência de Marx. Isso pode ser observado a partir da influência da “Nova Esquerda” e seu diálogo com os Estudos Culturais. Tomaz Tadeu da Silva (2006) apresenta que:

A crítica ao velho marxismo era central tanto nas vertentes literárias quanto nas vertentes históricas. A recuperação dos valores – feita contra o estalinismo – foi um impulso importante na primeira “Nova Esquerda”, mas a crítica do economismo foi tema contínuo que acompanhou toda a crise do marxismo que se seguiu (p. 11).

Assim esse autor apresenta como os Estudos Culturais aproximou com leituras lançada pelo “novo marxismo”. Isso pode ser observado nos anos 70, a partir da presença do althusserianismo, e de Gramsci. (SILVA, 2006, p.12) Tais diálogos permitem que se observem os Estudos Culturais enquanto um movimento intelectual de caráter reacionário. Ou seja, observamos sujeitos ativos que questionam a realidade que estes sujeitos vivem. Isso está presente seja nas práticas dos “pais fundadores”, como no caso de Hoggart e sua ação de ensinar nas classes operárias; assim como Thompson, que também não se adaptou a ser um intelectual preso a academia.

Ao dialogarmos com Tomaz Tadeu da Silva (2006) veremos como esse teórico incorpora essa linha de pensamento. Esse demonstra a importância e relevância do diálogo político e intelectual para os Estudos Culturais. Dessa forma os pensadores dessa linha de pensamento cobram um olhar para sociedade aliado com a teoria, os intelectuais ativos mostram a necessidade de se pensar como os próprios objetivos dos Estudos Culturais teriam as mesmas características.

Assim observamos como estudaram temas como o consumo, as práticas culturais, as formações das classes. Sobre isso, Armand Mattelart e Érik Neveu expressam a seguinte opinião: “Os anos 1970 verão o florescimento dessas temáticas. A

escola de Birmingham explora as culturas jovens e operárias, os conteúdos e a recepção da mídia. Historiadores exumam as manifestações de múltiplas resistências populares” (p. 14).

As discussões em torno de temas de estudo e influências teóricas resultaram na descoberta de novos objetos de estudo, como no caso de gênero e etnia. (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 69). Outro aspecto interessante é observar como a linha de pensamento dos Estudos Culturais tinham o olhar “anti-disciplinar” como destaca (MATTELART; NEVEU 2004). Isso demonstra que a um interesse por um diálogo maior entre as disciplinas, facilitando assim os estudos dos objetos. Contudo, alguns críticos apontam isso como um problema dos estudos culturais, porque aparenta uma certa falta de cientificidade.

### **O conceito de cultura revisto pela nova esquerda britânica: um olhar a partir de raymond williams**

Os Estudos Culturais contribuíram enormemente para compreender o conceito de cultura e da própria acepção marxista do termo se converteu num dado contexto, a saber, o período posterior às duas grandes guerras mundiais, como principal expediente de um grupo de intelectuais marxistas preocupados em ajustar os termos desse espinhoso conceito a essa nova realidade, de tal modo que ajudasse num processo de compreensão das transformações culturais então vigentes na Europa, bem como, a Inglaterra, envolvida que estava numa crise econômica e política.

Posto isso, formular uma teoria e uma análise da cultura se fundava como modo de luta, de militância, de suma importância naquele contexto em que surgiram os *estudos culturais*, quando os meios de comunicação em massa cresciam e ampliavam o alcance de sua influência, sem que os estados ou os governos os controlassem. Além disso, neste contexto, tais meios de comunicação ainda foram essenciais para movimentar o funcionamento e a propagação dos sistemas políticos.

Nesse sentido, questionando o marxismo ortodoxo, os primeiros intelectuais dos *estudos culturais* iram se posicionar fundando uma relação constante e conflituosa com o marxismo. No entanto, essa relação foi fundamental para a transformação do conceito de cultura. Seja no sentido em que Raymond Williams operou, contribuindo para uma teoria materialista da cultura, o materialismo cultural, seja no sentido de Edward Thompson, para quem a ênfase na agência humana era determinante, a partir das experiências de homens e mulheres. O objetivo central desses intelectuais – reconhecidos como a *nova esquerda britânica* – era analisar o pensamento teórico marxista, tentando rever a questão do economicismo, de forma a incluir neste pensamento a preocupação com a questão da cultura.

Na medida em que nos propomos a captar esse trajeto dos estudos culturais, e, em especial, entender essa reelaboração do termo *cultura* segundo o pensamento fecundo de Raymond Williams, vejamos a localização deste intelectual no interior da nova esquerda britânica. Quem nos informa é Maria Elisa Cevalco, estudiosa da obra de Williams:

É nesse quadro que se estrutura a “posição” de Raymond Williams. Mais perto por idade e afinidade da primeira geração da *New Left* – E. P. Thompson, John Saville e Ralph Miliband – compartilhava com a segunda geração das preocupações com a cultura popular, com a análise dos efeitos da nova sociedade das mídias e das maneiras de se combater as formas de dominação cultural. Ele foi um importante elemento de ligação entre os dois grupos e sua

crítica iluminadora dos impasses político-culturais do capitalismo representa um componente fundamental da contribuição britânica à esquerda contemporânea (CEVASCO, 2001, p.125).

Williams trabalhou por 14 anos no ensino de jovens e adultos, período – provavelmente – de grande relevância em sua vida, como em sua carreira de intelectual, transitando sempre entre a crítica literária, o ensaio teórico, a análise sociológica, a militância e a ficção. Ensinar se convertia não mais num simples de transmissão de conhecimento, era antes de tudo, um compromisso e uma atitude política. Preocupado com uma educação pública que divulgasse e defendesse os valores da cultura comum de operários (classe à que se destinava essas atividades de ensino), em oposição aos valores gerais defendidos pela elite, eles se propuseram a repensar o conceito de cultura. Passasse, a valorizar a cultura dos *de baixo*.

Tratando da vasta produção intelectual de Williams, destacamos para efeito de reconhecer os caracteres gerais de suas intervenções sobre o conceito de cultura, o seus trabalhos *Marxismo e Literatura e Sociedade e cultura*. Na tentativa de definir o que é cultura, indicou a necessidade de pensar o termo dentro de um contexto histórico específico sem o qual, seria complicado determinar uma acepção adequada. Tentando marcar a formação histórica do conceito de cultura, tirando-lhe o caráter de entidade percebida, dada puramente, Williams recuperou a trajetória do termo que, até o século XVI era associado à idéia de cultivar alguma coisa (animais, colheitas, mentes, etc.).

No século XVIII, ao lado da palavra civilização, cultura começou a designar um processo geral de progresso intelectual e espiritual, tanto individual como social, mas arraigado ao desenvolvimento humano da civilização européia. Por civilização entendia-se um estado realizado, originado na idéia de *civitas* (ordenado, educado), em oposição, portanto, ao estado natural da barbárie. Mas este estado realizado também era caracterizado pelo seu desenvolvimento, isto é, um estado civil, civilizado, educado, que teve progresso.

Williams, afirma que, nesse sentido, os termos cultura e civilização eram intercambiáveis (TAVARES, 2008, p.12-13). A essa concepção de cultura – fruto do iluminismo francês e relacionada aos contextos de França e Inglaterra – se contraporá posteriormente os românticos alemães no século XIX. Dessa forma, o século XIX, verá o conceito de cultura sofrer a interferência das preocupações alemãs, passando a formar um sentido diverso daquele apresentado pelo século anterior: no século XIX, o termo cultura passou a ser associado ao processo geral de desenvolvimento “íntimo”, em oposição ao “externo”. Cultura passou a ser ligada às artes, religião, instituições, práticas e valores distintos e às vezes até opostos à civilização e à sociedade (Cf. WILLIAMS, 1979, p.24).

Para se contrapor a essa tradição de pensamento sobre a cultura, o autor fez um resgate de algumas teorias culturais, ou de teorias que permitiam pensar a cultura, entre elas a idealista e a materialista, a fim de rever a idéia de que a cultura era uma instância autônoma e à parte. Nesses termos, dialoga com o materialismo marxista e com o idealismo em busca de um conceito de cultura mais amplo, que eventualmente fuja aquela concepção reducionista, típica do marxismo, que localiza a cultura como uma superestrutura determinada pela infra-estrutura.

Para além daquilo que haviam previsto os marxistas, Williams levantou as idéias de literatura, língua e ideologia, caminhando no sentido de conceber a cultura a partir de uma reflexão paralela com estes conceitos. Enfim, considerando o rastro do pensamento do autor galês, a prática e a produção cultural serão pensadas segundo suas interações com dada realidade social; ou seja, a noção de determinação cara ao economicismo

marxista, será identificada no todo do processo social, sofrendo uma ampliação: “a sociedade não é apenas a casca morta que limita a realização social e individual. É sempre também um processo constitutivo com pressões muito poderosas, que são internalizadas e se tornam vontades individuais” (Idem, pg. 91).

Essa ideia insere a cultura de forma autônoma no processo de construção da realidade, passando a ser considerada enquanto força produtiva, definidora no sentido da produção dos indivíduos e das sociedades; exclui desta feita, o juízo corrente de que toda consciência – cultura, arte – eram meros reflexos da realidade social. Em Raymond Williams, as práticas culturais determinam e são determinadas pela ordem social.

Para além de uma simples determinação recíproca entre cultura e ordem social, o autor avança na direção de considerar essas interações marcadas pela concepção de hegemonia, resgatada do sociólogo marxista Antonio Gramsci. A ideia de hegemonia sugere que uma determinada classe domine e subordine significados, valores e crenças a outras classes.

Aparentemente, a área de uma cultura é antes proporcional à área de uma língua do que ao âmbito de uma classe. Certo é poder a classe dominante controlar, em grande escala, a transmissão e a distribuição da herança comum; esse controle – onde existe – deve ser assinalado como um fato a anotar acerca daquela classe. Certo é, também, que uma tradição opera sempre seletivamente e que haverá sempre a tendência de relacionar e mesmo de subordinar esse processo de seleção aos interesses da classe dominante. Esses fatores tornam cabível admitir-se que haverá transformações qualitativas na cultura tradicional quando houver mudança de classe no poder, antes mesmo que a nova classe ascendente traga sua contribuição. Uma sociedade em que a classe trabalhadora se tornasse dominante, produziria, é claro, novos valores e formas. Mas o processo seria extremamente complexo, considerada a complexidade da herança, e de nada valeria esconder esta complexidade atrás de diagramas simplificadores. (Williams, 1969, p. 330).

No entanto, mesmo que haja efetivamente a difusão de um pensamento hegemônico por determinada classe, não significa dizer que as demais classes subordinem sua consciência naturalmente a dado esquema cultural sobreposto. Ao contrário, as classes subordinadas possuem na prática, na vivência, a possibilidade de reformular os valores culturais transmitidos. Williams caminha no sentido de propor a ideia de *circularidade cultural*, onde os valores culturais, uma vez oferecidos a novos grupos sociais, serão reformulados e perderão sua aura de auto-identidade.

Devemos planejar o que pode ser planejado, de acordo com a decisão comum. Mas no que diz respeito à cultura, a atitude certa será a que nos lembre de que uma cultura é, por essência, insuscetível de planejamento. Devemos assegurar os meios de vida e os meios para a comunidade constituir-se. Mas o que será a vivência, com base em tais meios, não podemos conhecer e nem traduzir. Em nenhuma outra área é maior a necessidade de reinterpretação (Williams, 1969, p.343).

Segundo a concepção elaborada por Williams, a cultura constitui-se como uma rede de significados e atividades comuns nunca inteiramente realizadas. Projeta suas preocupações sobre a necessidade de levar em conta a complexidade existente nas

relações entre os valores culturais transmitidos e os grupos que os recebem, considerando o contexto de circularidade cultural.

Nesse sentido, Williams rompe com a ideia de que a cultura era o domínio cristalizado de um grupo dominante, cabendo aos outros grupos sociais o papel de meros reprodutores. Tal como na antropologia, Raymond Williams elabora um conceito de cultura como um modo de vida, pretendendo mostrar que é algo comum a toda a sociedade, bem como, a própria organização da vida social é o produto de diferentes significados e valores.

Sendo assim, a cultura deixa de ser um resultado ou reflexo de uma determinada base, mas passa a ser encarada como aspecto importante, isto é, ativo na organização social. Ou seja, a cultura se torna elemento constitutivo do processo social e, assim, “é um modo de produção de significados e valores da sociedade” (CEVASCO, 2003, p. 112).

#### **REFERÊNCIA**

- CEVASCO, Maria E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- SILVA, Tomaz Tadeu (orgz). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- TAVARES, Hugo Moura. **Raymond Williams: pensador da cultura**. *Revista Ágora*, Vitória, n.8, 2008, p.1 -27.
- WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.